

Rimas sagradas: o imaginário bíblico do rap brasileiro

Sacred Rhymes: The Biblical Imaginary of Brazilian Rap

Bruno de Carvalho Rocha¹

Resumo: Este artigo se propõe a refletir sobre a história da recepção da Bíblia no Brasil, algumas práticas, significados e usos desse texto, especialmente por rappers localizados nas periferias do país. Assim, identificaremos as formas e presenças da Bíblia em diversos contextos para compreender sua influência na cultura periférica, tornando-se fonte aberta por onde os sujeitos expressam e fundamentam meios de sobreviver e imaginar a vida. Partiremos da compreensão da Bíblia enquanto literatura, para que seja possível discutir a recepção desse texto na cultura brasileira. Por fim, faremos uma análise de conteúdo com enfoque simbólico-cultural, orientada por uma leitura crítica das narrativas musicais e das experiências religiosas expressas nas rimas e entrevistas. A análise será realizada a partir do grupo Racionais MC's e do rapper Bk', observando como a Bíblia se articula no imaginário do rap no Brasil por meio de canções e narrativas cotidianas. Nesse contexto, a Bíblia é deslocada de seus sentidos tradicionais para ser (re)escrita e (re)imaginada, gerando novas imagens, sentidos e sonoridades. O artigo busca evidenciar um tema ainda pouco explorado na ciência da religião, o rap, e contribuir para os estudos do hip-hop no Brasil.

Palavras-chave: Imaginário bíblico. Recepção da Bíblia. Rap. Periferia. Racionais MC's.

Abstract: This article proposes to reflect on the history of the reception of the Bible in Brazil, including some practices, meanings, and uses of this text, especially by rappers located in the country's peripheries. Thus, we identify the forms and presences of the Bible in various contexts to understand its influence on peripheral culture, becoming an open source through which subjects express and ground ways of surviving and imagining life. We begin with an understanding of the Bible as literature, in order to discuss the reception of this text in Brazilian culture. Finally, we conduct a content analysis with a symbolic-cultural focus, guided by a critical reading of musical narratives and religious experiences expressed in lyrics and interviews. The analysis is based on the group Racionais MC's and the rapper Bk', observing how the Bible is articulated within the imaginary of Brazilian rap through songs and everyday narratives. In this context, the Bible is displaced from its traditional meanings to be (re)written and (re)imagined, generating new images, meanings, and sounds. The article seeks to highlight a topic still underexplored in the field of religious studies—rap—and to contribute to hip-hop studies in Brazil.

Keywords: Biblical imaginary. Bible reception. Rap. Periphery. Racionais MC's.

¹ Doutorando em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), bolsista CAPES; Mestre em Ciências da religião (UMESP); Licenciado em Ciências da Religião e Sociologia (UniCV) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP). E-mail: brunorocha_47@hotmail.com.

Introdução

As grades te fazem chorar
A saudade na direta vem te visitar
É difícil ter a mente sã
Detenção, pior que o Vietnã
Um cristão me ligou pra me dar uma ideia
Disse pra mim que Jesus tá a minha espera
Disse também pra eu mudar de vida
Aí, mano, eu não me esconde atrás da Bíblia
Sou quem sou, assim sigo em frente
Deus está comigo, não preciso virar crente
Nada contra quem é, na fé
Mas, tem canalha que se esconde, né? (Dexter, 2000)

A Bíblia é um livro disputado. Palavras, sabedorias e histórias contidas nos textos bíblicos serviram de base para a construção das sociedades ocidentais. Constantemente lida e articulada a partir de interesses políticos, literários e teológicos, é notável o impacto atual deste livro em nações acometidas por processos de colonização, como o Brasil. Líderes religiosos, leigos conservadores, militantes progressistas ou os pesquisadores mais atentos não ignoram – em severas críticas, análises e usos – o impacto simbólico, (i)material de sua presença na cultura. Torna-se evidente, portanto, a importância desse texto no desenvolvimento de identidades religiosas, na formação do *ethos* cultural e político do povo brasileiro. Dos casebres e ruas mais distantes e periféricas ao Congresso Nacional, versículos, salmos e hinos são entoados no intuito de inspirar poder, transformação e encantamento. Este artigo, portanto, se propõe a refletir sobre uma parte da história da recepção da Bíblia, algumas práticas, significados e usos desse texto, especificamente nas periferias.

Para tal tarefa será preciso percorrer os caminhos, identificar formas e presenças da Bíblia em variados contextos. Principalmente para traçarmos o impacto da sua presença na construção do imaginário religioso de comunidades periféricas, que a partir do cotidiano criam e expressam suas “Bíblias” a partir de variados produtos/produções culturais, neste caso, através do rap. Dessa forma, a Bíblia adentra o mundo da cultura periférica e aos poucos torna-se uma fonte viva e aberta pela qual as sociedades expressam e fundam seus meios de sobreviver e imaginar a vida. Inaugura-se por meio do texto bíblico uma tradição mítico-imaginativa, geradora de práticas, imagens e narrativas que compõem as vivências de sujeitos periféricos que encontram no rap brasileiro formas de habitar o mundo: “Somos apóstolos apócrifos / De milhas em milhas escrevendo nossas

Bíblias / As marcas de bala na parede são hieróglifos / Contam um pouco da nossa história”²².

Entre interpretações confessionais e secularizadas, em usos litúrgicos ou cotidianos, como fonte espiritual e artística, é preciso levantar algumas questões sobre a Bíblia: como ela chegou até nós? Como influenciou os processos de apreensão do mundo? De que maneira ela se manifesta e é recebida na cultura negra? Como se mobiliza e se constitui como presença na experiência de sujeitos periféricos, em seus territórios e práticas musicais? Tais perguntas irão impulsionar esta reflexão que tem como objetivo analisar os (des)caminhos do imaginário bíblico no rap brasileiro.

Para esta tarefa, partiremos da compreensão da Bíblia enquanto literatura, sendo as histórias, personagens e mitos contidos nesse texto, aquilo que dá forma e ação ao que chamaremos ao longo do artigo de “imaginário bíblico do rap”. Depois, faremos uma breve história da recepção do texto bíblico na cultura brasileira, sendo a estética da recepção, reelaborada pelos estudos da religião, por autores como Paulo Nogueira, Antônio de Melo Magalhães e Pedro Lima Vasconcellos, o eixo para uma análise de conteúdo com enfoque simbólico-cultural, orientada em uma leitura crítica das narrativas musicais e experiências religiosas dos rappers. Essa abordagem metodológica busca identificar alguns temas, imagens e usos da Bíblia que emergem do grupo Racionais MC’s e pelo rapper carioca Bk’, bem como da cultura periférica brasileira.

Interessa-nos como a Bíblia se articula no imaginário do rap no Brasil, sendo por eles apropriada em suas canções, em imagens, performances e na vivência cotidiana. Assim, no contexto do rap, a Bíblia é deslocada de seus usos e sentidos tradicionais para ser (re)escrita e (re)imaginada, gerando novos significados, sentidos e sonoridades. O artigo busca evidenciar um tema ainda pouco explorado na ciência da religião no Brasil, o rap, bem como contribuir para os estudos do hip-hop, destacando a importância da religião para a compreensão desse fenômeno cultural afro-diaspórico.

1. A Bíblia como texto literário

A exegese bíblica moderna, os estudos hermenêutico-teológicos, bem como os métodos histórico-críticos marcam o início do contato do mundo científico moderno com

²² Bk’, Pirâmide Perdida, “Reunião”, Álbum Piramide Perdida Vol. 7 (Rio de Janeiro, Piramide Perdida Records, 2016).

novas possibilidades de pesquisa da Bíblia (Nogueira, 2019, p. 181; Durão, 2016, p. 47-59). Os estudos que partiram desse contexto colocaram o texto bíblico não mais como um produto religioso restrito ao ambiente eclesiástico, tirando das instituições teológicas o monopólio de acesso e interpretação do “texto sagrado”.

Este trabalho não se constituiu em uma tarefa fácil ao longo dos últimos séculos. Ao falarmos sobre a relação entre Bíblia e literatura no contexto da pesquisa, suas interações, intertextualidades e interdiscursividades, é preciso ainda hoje driblar “os muros dos departamentos universitários”, as “crenças guetadas” e “querelas teóricas e ideológicas” que estigmatizam as reflexões sobre religião em universidades brasileiras. Portador de um “antecedente-mais” e um excedente dinâmico infindável de propostas e significados, é preciso evidenciar que o texto bíblico “está além de qualquer crítica literária e teológica que ainda se paute por buscas hegemônicas” (Magalhães, 2012, p. 135).

Não sendo possível aprofundar os debates em torno da literatura, partiremos do pressuposto da Bíblia como literatura³. Nessa compreensão, portanto, a Bíblia, antes de tudo, é literatura, encarada enquanto um texto literário. Na linha de Antônio Carlos de Melo Magalhães, nos aproximamos do texto bíblico “como literatura escrita em dilemas e experiências religiosas, mantendo uma relação intrínseca e indivisível entre o literato e o religioso” (Magalhães, 2012, p. 136). Assim, a definição da Bíblia como “literatura escrita em dilemas e experiências religiosas” é um argumento imprescindível nesta reflexão, definindo o ponto de partida desta análise.

Dentro das comunidades religiosas, atravessando o cotidiano diverso da sociedade, bem como na prática de inúmeras manifestações populares e periféricas, o texto bíblico se articula por meio de complexas formas narrativas, oníricas e imaginativas (Nogueira, 2019, p. 182). Por meio dele, inscreve-se o “implícito, o não-dito, o simbólico, no pensamento e na estrutura social do Brasil dos séculos passados” (Cunha, 1987, p. 8), mas também na contemporaneidade. Da materialidade de uma Bíblia aberta em um local, do significado simbólico da Bíblia debaixo do braço do crente ou na boca do pregador em praça pública que articula publicamente a sua fé, as histórias e o livro são atualizados à luz do contexto e da necessidade de quem carrega o livro. Nisto justifica a nossa busca por um “imaginário bíblico” que se desenvolve entre grupos sociais subalternizados,

³ Sobre a abordagem da Bíblia como literatura, ver Magalhães 2009; Lima, 2015; Cappelli, 2019.

revelando a enorme e plural capacidade da Bíblia de articular temas, narrativas e propósitos que estruturam as práticas, o pensamento e a imaginação de um povo: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta. Eu tô tentando sobreviver no inferno”⁴. Nessas palavras do rapper Mano Brown, a Bíblia e sua estrutura poético-narrativa é mais um elemento que se soma na busca de superação do racismo, das estatísticas de morte e violência que assola as periferias dos anos 1990. Estudar a Bíblia dentro desse contexto, portanto, “se torna uma espécie de crítica da cultura” (Nogueira, 2019, p. 189), através de uma observação atenta de como ela é transformada e apropriada na história e na cultura do povo.

2. História e recepção da Bíblia no Brasil

Antes de uma análise mais detida no rap brasileiro, é preciso discutir os caminhos e influências deste livro na construção da sociedade brasileira. No artigo *A Bíblia no Brasil: alguns fragmentos*, Pedro Lima Vasconcellos (2007) enfatiza o texto bíblico como um elemento onipresente na cultura brasileira, sendo inegável o seu impacto no imaginário nacional, em múltiplas direções e desdobramentos históricos. Vasconcellos constata que, mesmo depois de séculos de maciça “colonização do imaginário”, há “quinhentos anos que a Bíblia vem redesenhando por aqui os contornos da terra, das pessoas, dos ares, dos embates e das conquistas. Esse processo não é isento de consequências” (Vasconcellos, 2007, p. 220). Debruçado sobre os efeitos gerais da presença da Bíblia na Europa nos séculos XVI e XVII, Vasconcellos está à procura dos “rastros”, das “histórias que a Bíblia fez no Brasil”:

O Brasil, junto com o conjunto dos territórios desde o século XVI passou a fazer parte do mundo político, econômico e cultural dos europeus, foi introduzido a um universo cheio de esperanças e convicções inspiradas na Bíblia. Colombo cria que suas incursões para o Ocidente confirmavam dados da Escritura que, articulados aos anúncios de Joaquim de Fiore e outros influxos, indicavam claramente o fim dos tempos para meados do século XVII (Vasconcellos, 2007, p. 225).

Todo o projeto colonial nas Américas, calcado na vocação messiânica e redentora de Portugal, em catequeses, missões em busca de um idílico “paraíso terreno”,

⁴ Racionais Mc’s, “Gênesis”, LP Sobrevivendo no Inferno. (São Paulo, Cosa Nostra Fonográfica, 1997).

justificando toda e qualquer ação de domínio e subjugação por meio do texto bíblico, mostram a Bíblia como uma força social e hermenêutica sem precedentes na história e na cultura brasileira, sendo possível constatar que a interpretação bíblica tem consequências diretas na vida de um povo.

Vasconcellos segue analisando o impacto da Bíblia na cultura popular no Brasil, salientando uma série de movimentos milenaristas os quais ele chama de “movimentos biblados”. Antônio Conselheiro, em Belo Monte (século XIX), Contestado, no Sul do Brasil (entre 1912 e 1916), e os antigos seguidores de Padre Cícero organizados em Pau de Colher, na Bahia (em 1936), são alguns dos personagens e movimentos populares de caráter “messiânico” que, submersos num tipo de imaginário bíblico medieval, recriaram e adequaram textos e narrativas da Bíblia ao contexto rural e sertanejo. Tais mobilizações sociais que, ora assumiam contornos de luta política, ora dominadas por sentimentos e sentidos religiosos profundos oriundos de um catolicismo profundamente mágico e tradicional, desafiam não só os princípios filosóficos mais caros à modernidade, como estabelecem, segundo Otávio Velho, os fundamentos do imaginário de uma “cultura bíblico-popular”⁵, “que serviria de referência para se pensar as experiências vividas” do povo (Velho, 1995, p. 16).

Como foi constatado até o momento, indivíduos e comunidades inteiras, desde o período colonial até os movimentos populares de cunho messiânico, foram formados em temas, imagens e símbolos bíblico-teológicos:

Na cultura oral do sertão nordestino brasileiro, mais do que intérpretes ou tradutores de textos do Evangelho, beatos e conselheiros podem ser apreendidos como elos de interlocução entre a apostolar tradição de pregação da palavra de Deus – que chegou à região com textos bíblicos e ordens religiosas missionárias – e uma tradição popular de oralidade, que encontrou nas escrituras religiosas meios e recursos para expressar, no seu universo cultural, seus anseios, sofrimentos e expectativas. O entrelaçamento dessas tradições guarda referência desde Canudos até Juazeiro do Norte e Caldeirão Grande, que, do Ceará, potencializaram uma circulação de práticas e pregadores (Brito, 1999, p. 212).

É interessante notar que grande parte da história de circulação e recepção da Bíblia no catolicismo no Brasil “é profundamente comunitária e oral, apesar de se tratar de um texto escrito” (Steil, 1996, p. 151). Tal aspecto nos leva a outro texto de Pedro Lima

⁵ Segundo Otávio Velho, a “cultura bíblica” em questão vai além do mero recurso instrumental a termos e expressões, e atinge o nível das crenças e atitudes profundas de uma sociedade (Velho, 1995, p. 16).

Vasconcellos em que o autor dimensiona os “rastros” e desdobramentos da Bíblia na modernidade europeia (séc. XVI e XVII), onde o advento da imprensa de Gutemberg gera “a consequente quebra do monopólio eclesiástico do seu manuseio” (Vasconcellos, 2012, p. 33).

Certamente, a disseminação do texto bíblico gerou consequências distintas quanto às suas formas e usos, tanto na própria Europa como entre os povos colonizados, tanto no catolicismo como na história do protestantismo. Segundo Antonio Gouvêa Mendonça (1984), os protestantes teriam como característica básica de sua fé a leitura da Bíblia, seja para a instrução dos crentes ou como instrumento de conversão. O próprio culto protestante, segundo Mendonça, exigia do seu público elevados níveis de leitura, “pois que o seu material litúrgico são a Bíblia e o livro de hinos. Para atender a esta necessidade, os missionários colocaram ao lado de cada comunidade uma escola. Estas foram as escolas paroquiais, alfabetizadas e elementares” (Mendonça, 1984, p. 95).

Consequentemente, toda essa “cultura bíblica” brasileira é diversa e assume características territoriais, narrativas e teológicas diferentes ao longo da história, não sendo possível explorar neste artigo os pormenores de todas as diferenças⁶.

Porém, destacamos que estudos sobre as histórias e recepções do texto bíblico na cultura popular (dos sincretismos afro-brasileiros, dos movimentos milenaristas-messiânicos, dos romeiros e folguedos populares, das comunidades eclesiais de base, dos usos do protestantismo histórico ao pentecostalismo) se tornam um caminho promissor de análise tanto para a compreensão da Bíblia que circula na “boca” e nos “ouvidos” do povo, como para a compreensão do imaginário bíblico que permeia as produções artísticas periféricas e, de maneira específica, a produção do rap brasileiro. Nas palavras de Paulo Nogueira, “as fronteiras culturais da história da recepção, nas culturas latino-americanas, em especial, são laboratórios privilegiados para entendermos a vitalidade dos textos bíblicos na história” (Nogueira, 2019, p. 187).

A Bíblia como um texto da cultura funciona como um “baú de histórias”, acumulando sentidos e imagens da história, em um diálogo simbiótico com seus mitos (Nogueira, 2019, p. 179). As linguagens da arte, os grupos religiosos e a instrumentalização política dos textos bíblicos se estabeleceram ao longo da história do

⁶ Para uma reflexão sobre os impactos e recepção da Bíblia entre protestantes e pentecostais, conferir Benatte, 2012; Oliveira, 2017; e Panotto; Ramos; Tostes, et al, 2023.

Brasil como os maiores veículos de formação/formatação de um imaginário bíblico na cultura brasileira. Falar dos impactos históricos e estéticos da Bíblia pressupõe levar em conta os processos de intertextualidade, percursos literários, disputas ideológicas e sua presença nas tramas sociais (Vasconcellos, 2012, p. 49).

A própria Bíblia, texto basilar da cultura ocidental, é atravessada internamente por um acúmulo de outros textos, expressões mágicas, narrativas míticas e espiritualidades que permeiam as culturas populares e épocas em que foram geradas (Nogueira, 2019). “Uma palavra bíblica pulsa”, afirma George Steiner, “no interior de uma aura de significados concêntricos e de ecos” (Steiner, 2001, p. 69). O leitor e a comunidade, portanto, recebem o texto, destacam o texto de sua origem, combinam o texto numa ampla e histórica rede/horizonte de fragmentos e o organizam, pulverizando-o segundo a sua experiência afetiva, religiosa e cultural. Esses e outros temas são amplamente discutidos na área que ficou conhecida como “estética da recepção” – autores como Hans-Georg Gadamer, Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser são referências imprescindíveis –, que, em diálogo com o estudo da história das religiões, das teologias e da literatura bíblica, podem ainda contribuir para o desenvolvimento de novos olhares sobre os textos bíblicos em diálogo com as culturas. Para nós, importa lembrar a condição da Bíblia como literatura, e como as comunidades, principalmente as negras e periféricas, recebem esse texto nas mais variadas situações e formas.

O historiador Vagner Aparecido Marques (2019) exemplifica com situações inusitadas, a partir de sua análise sobre as “igrejas menores nas quebradas de fé”. Marques observa, através do pentecostalismo, a força da cultura bíblico-religiosa que essas comunidades evocam nos territórios, e a maneira como se fazem presentes no imaginário cotidiano da periferia de São Paulo, influenciando sua linguagem, suas práticas e estéticas, sua “gramática” particular, em diferentes contextos e situações:

O pentecostalismo se faz presente também nos nomes dos comércios, nos pedidos de oração, e na gramática, onde expressões como homem de Deus, Varão do Senhor, Paz do Senhor, Glória a Deus, são comuns. Sua presença também é marcante nos espaços de sociabilidade tipicamente feminino e homossexual, principalmente nos salões de beleza, assim como nos espaços masculinos, como no futebol de várzea, na justificação de uma cura, na conquista de um emprego; sua expressão se esparramou no cotidiano (Marques, 2019, p. 46).

É importante reconhecer que nesse contexto não há uma separação rígida entre o que é íntimo ou o que é público na prática religiosa. A religião vivida na américa latina, principalmente em territórios de subalternidade, não costuma obedecer às lógicas modernas que levaram a um certo “desencantamento” da vida e das relações. Traços significativos dessa religião experimentada no Brasil periférico não se restringem ao indivíduo, nem mesmo às instituições “sagradas” ou agentes e representantes oficiais das tradições de fé. O pentecostalismo, mas não só, transborda a experiência formal dos “templos” adentrando no imaginário e na prática diária, moldando a percepção e compreensão do mundo: “ser pentecostal, como argumentamos, não pressupõe necessariamente ser ou estar da/na igreja, pois viver na quebrada é viver o pentecostalismo” (Marques, 2019, p. 46).

Se “viver na quebrada” é experimentar as influências do pentecostalismo, estar no Brasil certamente é experimentar as marcas e efeitos das religiosidades bíblicas, articuladas por setores cristãos ou pela própria cultura secular. A Bíblia está nos muros, nas gírias, em nomes de comércios e espaços diversos de sociabilidade. Enquanto um texto estruturante da cultura ocidental, ela fornece um idioma (Hill, 2003, p. 55), uma base de referências comum onde as histórias míticas e as imagens que evoca transformam-se no alicerce onde homens e mulheres, em diferentes épocas e territórios, constroem estruturas emocionais, éticas e materiais. Assim, evidencia-se o fato de haver muitas “Bíblias” em circulação, em trocas e cruzamentos, com diferentes usos e maneiras de compreender o texto nas relações sociais.

A Bíblia pertence às igrejas e grupos religiosos (cristãos ou não) da mesma forma que pertence ao bar, ao crime organizado e à música popular, ao rap. Se no contexto europeu do século XVI ela já era “disputada, vercejada, cantada e tocada em todas as tabernas e cervejarias” (Hill, 2003, p. 36), tanto mais nos sertões e nas periferias do Brasil. A Bíblia, portanto, não quer somente significar algo. Ela mobiliza e produz mundos, realidades e maneiras de viver por meio de imagens, gestos e sensações estéticas. Por isso, não podemos negar ou invisibilizar o impacto da Bíblia na interpretação das produções oriundas da cultura popular e periférica, com o risco de incorrermos em diversos equívocos a respeito das vivências cotidianas. Nossa objetivo aqui também tem sido o de “procurar os vínculos existentes entre as tradições populares autóctones e os mitos

bíblicos”, “as bricolagens estabelecidas entre eles durante tanto tempo e em formas as mais variadas” (Vasconcellos, 2007, p. 236).

Considerando o rap um gênero musical afro-diaspórico, atravessado por religiosidades que compõem a ancestralidade, as vivências e os territórios de sujeitos periféricos, consideramos pertinente traçar algumas reflexões críticas sobre a cultura bíblica instaurada no imaginário do rap brasileiro. A relação entre a religião e o rap no Brasil já foi abordada amplamente por nós em outros trabalhos (Rocha; Carvalho; Cappelli, 2023). Inclusive, diversos casos foram destacados em trabalhos anteriores sobre a utilização da Bíblia ou desse imaginário bíblico em diversos artistas de rap e na história desse gênero musical no Brasil. Portanto, iremos nos deter em reflexões que possam contribuir para futuros trabalhos nessa temática.

3. As “Bíblias” e o imaginário bíblico do rap brasileiro

Vimos que a Bíblia exerceu e ainda exerce influência em diferentes níveis em grupos, épocas e contextos distintos. Ela está na boca do povo, nas suas formas de viver, ler e disputar a realidade. Os textos bíblicos também estão em circulação na cultura, na política, em séries e novelas, nas ruas, em canções e rimas. O panorama traçado até aqui busca oferecer um horizonte mais sólido para discutirmos a relação entre o rap e a religião, de modo específico o desenvolvimento do imaginário bíblico elaborado pelos rappers brasileiros em suas canções e rimas.

“Rimar” dentro da tradição do rap pressupõe a organização de palavras, sons, conceitos, identidades e vivências dentro de uma estrutura sonora e performativa própria do hip-hop, que também inclui parte de suas referências, imagens e inspirações mítico-religiosas⁷. A Bíblia, dentro do contexto brasileiro, torna-se um dos eixos literários que alimenta, fundamenta e media a experiência poética e religiosa da cultura periférica. Sua constante presença e dinamicidade em celebrações religiosas, espaços públicos, intenções políticas, discursos de todo tipo possibilitam ao rap uma articulação natural de seus temas, imagens e narrativas já espalhados na cultura. Através dos muitos usos e significações desses textos, tem-se na voz do rap um lugar privilegiado de sua circulação. Assim, o

⁷ Muitos livros e artigos vão tratar sobre a religião e o rap nos Estados Unidos. Para uma introdução geral conferir Miller; Pinn; Freeman, 2015.

objetivo desse último item é traçar algumas pistas do desenvolvimento do imaginário bíblico no rap.

Por ora, não teríamos a condição de propor uma análise detalhada, um tipo de “história concisa do imaginário bíblico no rap”. Nossa intenção é apontar a relação e a efetiva presença de um imaginário religioso e bíblico no rap para instigar novas pesquisas e deixar evidente o que entendemos ser uma tradição mítico-poética na história do rap nacional. Mesmo assim, indicaremos alguns caminhos através de dois exemplos importantes, o grupo Racionais MC’s, atuante desde 1989, e Bk’, considerado um rapper da nova geração. Dessa forma, teremos condições de perceber que a Bíblia continua povoando o imaginário das comunidades periféricas ao longo desses anos, sendo um elemento central para a compreensão não só do rap brasileiro como da religiosidade nacional.

Considerado a “Bíblia do rap nacional”, o disco *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997, torna-se para nós um “lugar hermenêutico” para esta reflexão. Produzido pelo grupo Racionais MC’s, um dos principais grupos de rap do Brasil, o álbum tornou-se um clássico para o rap brasileiro, sendo quase unanimidade entre rappers, agentes do hip-hop e fãs em geral, principalmente no quesito originalidade, alcance – em diversos níveis e setores da sociedade – e de representatividade da periferia nacional. O grupo construiu um tipo de linguagem poética e sonora própria, oriunda de um legado de mobilizações políticas das classes trabalhadoras e da comunidade negra dos anos 1980, que se desdobra num complexo contexto político no início da década de 1990 (D’andrea, 2013, p. 24).

Observa-se, a partir dos Racionais MC’s, ao menos três dimensões articuladas ao longo de toda obra: a dimensão cultural, a narrativa social e a pauta política, “uma vez que [Racionais] se transformou também em um formulador de práticas sociais reproduzidas por grande número de jovens, sobretudo moradores de bairros periféricos” (D’andrea, 2013, p. 25). Poderíamos ainda acrescentar uma quarta dimensão, a dimensão “mítico-poética”, ou religiosa, dos Racionais. Ou seja, sua capacidade de tematizar a vida a partir dos mitos, (re)inventando sentidos e práticas religiosas por meio das suas canções.

Sobrevivendo no inferno conjuga de maneira contundente e criativa diversos aspectos culturais, sociais e espirituais que dão forma ao imaginário periférico brasileiro. É por meio desse álbum que o grupo, já conhecido nas quebradas, seria descoberto e reconhecido massivamente em todo o país. Músicas marcantes na carreira do grupo, como

Capítulo 4, versículo 3, Diário de um detento e Fórmula mágica da paz, articulam com maestria “um discurso marcado tanto por denúncias e convocações à luta quanto por mensagens de orgulho, autoconfiança e fé” (Antunes, 2018, p. 18). As histórias ali contadas dão testemunho do dia a dia daqueles que andam e sobrevivem em meio a territórios dominados pela violência, pelo preconceito e pela repressão/exclusão do Estado.

Como resultado de uma encruzilhada mítico-poética, elementos religiosos como santos católicos, terços, versículos bíblicos e orixás preenchem e representam o mundo do sujeito periférico. Da mesma forma, a capa do disco, marcante em seu realismo minimalista, e também sua intensidade polissêmica e figurativa (uma cruz estampada num fundo preto), acaba se tornando significativa no processo de estabelecimento de uma cultura visual religiosa periférica, influenciando de diversas maneiras outros grupos de rap no país (Rocha, 2023).

O versículo três do Salmo 23, que aparece na capa, funciona como um tipo de prece, oração, um pedido de proteção para que o caminho a ser trilhado dentro da narrativa sonora que se anuncia, seja também preenchido de momentos de “refrigério”, de frescor, de alívio, e principalmente de justiça. As faixas do disco *Sobrevivendo no Inferno* apresentam o que chamamos de uma “outra história da salvação” (Rocha, 2022). Por meio dos assuntos desenvolvidos a cada canção, “o disco assume – mesmo que inconscientemente – como sua principal forma estética, como seu estilo narrativo, ou seja, o modo em que desenvolve sua poesia, sua canção e suas imagens-metáfora, a ‘História da Salvação’” (Rocha, 2022, p. 190).

Enquanto expressão da esperança e do desejo humano (Alves, 1984, p. 49) de viver para além da mera sobrevivência, a religião, como uma linguagem que oferece conforto e amparo, ou mesmo empoderamento da ação por vezes violenta, apresenta-se como um tipo de narrativa cotidiana – articulada fora dos espaços oficiais – que tematiza e dá forma às imagens do mundo periférico.

A Bíblia, neste contexto, se não reescrita, “profanada” e esgarçada em suas possibilidades de leituras teológicas e poético-narrativas, acaba sendo um livro da cultura, parte incontornável da expressão imaginativa dos sujeitos periféricos, onde os mitos se estabelecem como arquétipos temáticos ou recurso literários e imagéticos do rap:

Deus fez o mar, as árvores, as crianças, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a trairagem, as armas, as bebidas, as putas. Eu?! Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta. Eu tô tentando sobreviver no inferno⁸.

Dessa forma, versos bíblicos e armas não parecem estar em oposição, como elementos desconexos ou contrários. O personagem “Deus”, dentro do contexto de uma “teologia da sobrevivência” (Oliveira, 2018, p. 32), parece estabelecer uma relação de cumplicidade com o eu-lírico. A pistola automática e a Bíblia são elementos de sacralidade, de manutenção básica da vida e da espiritualidade, objetos inseparáveis para lutar por condições sociais mais dignas e justas⁹.

Podemos nos deparar, então, com um duplo movimento da Bíblia na “boca” e na voz do rap. O primeiro movimento é o desenvolvimento geral de um imaginário bíblico que historicamente acomete a sociedade brasileira, influenciando modos de (re)leitura em contextos diversos da cultura. O segundo movimento é a forma como as culturas periféricas produzem e negociam tal imaginário nas encruzilhadas religiosas localizadas no interior dos seus territórios e contextos, onde a Bíblia é deslocada do púlpito religioso, (re)escrita e (re)imaginada pelos rappers, gerando novas imagens, sentidos ritmos e sonoridades. Certamente esse último movimento incide no primeiro. Ele compõe uma percepção mais ampla da imaginação bíblica na cultura, trazendo novas formas de leitura e recepção de texto religioso sob o olhar da periferia.

Podemos afirmar, portanto, que os rappers “escrevem” suas próprias palavras e ritmos na Bíblia. Sendo um livro aberto que nos convida a continuar a escrevendo e encarnando suas histórias na própria vida, a Bíblia, segundo Magalhães é uma narrativa intensa onde suas lacunas e imagens nos inspiram a reviver o texto, exagerá-lo e recriá-lo nas malhas da cultura (Magalhães, 2020, p. 15-23). Por ser o texto bíblico um texto poético em que se encontram peregrinações, fugas, exílios, clamores de liberdade, abrigo e sobrevivência de diferentes povos, por afirmar e prolongar a existência diante da ameaça do tempo e da morte, o rap absorve suas imagens a fim de narrar e poetizar a experiência periférica.

⁸ Racionais Mc’s, “Gênesis”, LP Sobrevivendo no Inferno. (São Paulo, Cosa Nostra Fonográfica, 1997).

⁹ Para continuar a discussão sobre o imaginário bíblico em Racionais MC’s, conferir Rocha, 2022; Rocha, 2023 e Cappelli; Rocha, 2020.

A ideia de que o rapper possa prolongar as narrativas bíblicas ao recriar suas histórias a partir de um esforço hermenêutico da própria realidade se torna o ponto central dessa prática quase que apócrifa, não oficial, do sujeito periférico. Antônio de Melo Magalhães afirma que, não necessariamente adentramos ao texto bíblico somente para tirarmos “lições de moral” ou doutrinas inquestionáveis. Os meandros, interstícios e aberturas que o texto bíblico naturalmente oferece ao leitor se sobrepõe àquele uso literalista, fixado em verdades dogmáticas, que o religioso mais tradicional costuma enxergar por meio das leituras oficiais:

O texto bíblico salpica biografias e deixa-se conduzir pelos novos olhares. Não estamos somente para seguir os preceitos bíblicos, mas para continuar a fascinante tarefa de narrar, e não existe narrativa literária sem uma forte dose de vontade de prolongar a narrativa. Narramos para sobreviver e, com isso, fazemos a Bíblia ganhar novas páginas. A Bíblia produz os “apócrifos” do cotidiano e das muitas literaturas que dela nascem (Magalhães, 2020, p. 17).

Segundo Octavio Paz, todas as religiões derivam de diferentes recepções do elemento poético. Mesmo que expressões situadas historicamente no tempo e no espaço, há nas religiões, afirma Paz, um “gérmen não religioso e que perdura: a imaginação poética” (Paz, 2013, p. 380). A imaginação poética, “a verdadeira religião da humanidade” (Paz apud Verani, 1985, p. 70), seria um ato originário da humanidade “em sua elaboração primeira acerca de si mesma e sua condição” (Magalhães, 2018, p. 24). Diante desse contexto, o poeta seria uma espécie de “geógrafo e o historiador do céu e do inferno” (Paz, 2013, p. 377) – aquilo que o rapper Eduardo chama de “locutor do inferno”¹⁰, Djonga afirma ser o “Limite do céu e inferno / Efêmero e eterno”¹¹, e Racionais MC’s classifica como a “fronteira do céu com o inferno”¹¹. Cada rapper, num movimento de negação ou paixão, afastamento ou acolhimento, “inventa sua própria mitologia e cada uma dessas mitologias é uma mescla de crenças díspares, mitos desenterrados e obsessões pessoais” (Paz, 2012, p. 371). Longe de uma adequação literal das narrativas e mitos apresentados no texto bíblico, os rappers promovem colisões entre antigas e novas compreensões, tecem duras críticas ou criam desfechos, como é possível ver nas rimas de Bk’:

¹⁰ Facção Central, “Minha voz está no ar”, Álbum Versos Sangrentos (São Paulo, Discovery G1, 1999) ¹¹ Djonga, “Fantasma”, Álbum Heresia. (Minas Gerais, CEIA, 2017).

¹¹ Racionais MC’s, “Capítulo 4, versículo 3”, LP Sobrevivendo no Inferno. (São Paulo, Cosa Nostra Fonográfica, 1997).

Sumindo com igrejas, e livros, e deuses e mitos / Nós somos o novo poder / Apagando todos seus falsos heróis da história / Nós somos o novo poder / Queimando bandeiras e cuspindo em seu líder / Somos o novo poder / Derrubo demônios, domino seus mimos igual dominó / Eu sou o novo poder / E somos a nova cabala / E nova desordem mundial / Somos magos e bruxos / Além do mundo digital / Nós somos a nova Bíblia / Novo José e Maria / Nós somos o ver para crer / Nós somos o crer para ir¹².

O ato e o ritmo poético, portanto, estão inseridos no tempo mítico e no campo da experiência do sagrado. A poesia é a criação do homem por meio da imagem (Magalhães, 2018, p. 31), e as “escrituras sagradas”, inclusive, dotadas de imagens e linguagem poética, tenderiam – não fossem os controles institucionais –, a transcender os confinamentos doutrinários da religião, problematizando a condição humana em suas fraturas e rompimentos (Magalhães, 2018, p. 24). Os poemas são, de acordo com Rubem Alves, “invocações de ausências, funduras onde nadam os desejos: é aí que os corpos se preparam para as batalhas” (Alves, 1975, p. 57). Segundo Octávio Paz:

Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem (Paz, 2012, p. 15).

Unindo ritmo e poesia, o rap se estrutura a partir de um fundo comum de experiências urbanas transmitidas pelas marcas e memórias da escravidão, bem como um legado de africanismos, um estoque de mitos e religiosidades que alimentam formas e fazeres musicais na diáspora (Gilroy, 2012, p. 175). Parafraseando Octávio Paz, é possível perceber no rap a atividade revolucionária que evoca, o exercício espiritual articulado pelos rappers nas suas canções, as maneiras de libertar o mundo e o próprio interior que são por eles inventadas, o convite que nos é feito a imaginar sua terra natal. Antes de terminar o artigo, cabe apresentar brevemente um outro exemplo mais atual no rap brasileiro, de como os *mc's* vão transformando esse imaginário bíblico-religioso em suas canções.

Abebe Bikila, conhecido como Bk', é um rapper carioca já consolidado no cenário nacional como um dos nomes da nova geração do rap no país, nascido e criado em

¹² Bk', “Novo poder”, Álbum Gigantes (Pirâmide Perdida Records, Rio de Janeiro, 2018).

Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Mas é na região central da cidade que a cultura hip-hop aparece de forma mais clara em sua biografia: “O rap do Bk nasceu na Lapa”¹³. A partir de 2013 já era possível ver suas primeiras músicas circulando no YouTube e nas redes sociais, principalmente a partir do grupo Nectar Gang, formado por mais três jovens (CHS, Brill e Jonas) oriundos dos bairros Catete, Glória e Lapa, região que une contextos distintos do Rio como a vida urbana e central da cidade, a realidade dos morros e comunidades que circunvizinham a região, perto de prédios e casas de alto padrão.

Como diversos rappers do Brasil, Bk’ teve o primeiro contato com a música dentro do ambiente religioso: “Meu primeiro contato com a música foi na minha infância, assim, bem novo mesmo, na igreja e tal”¹⁴. Apesar do funk carioca e do pagode também estarem na base da sua formação musical, a igreja evangélica, consequentemente a sua música característica e as narrativas bíblicas construídas nesse espaço, encontra-se como fundamento de sua musicalidade e na construção de sua religiosidade:

Eu sou batizado na igreja evangélica, mano... Eu me batizei eu devia ter 12, 13 anos, por aí... Eu frequentei desde que eu nasci. Minha família por parte de mãe é tudo evangélica; frequentei até mais ou menos os meus 14, 15 anos, por ali. Então, é isso, eu conheço bastante coisa de igreja. Então, tipo assim, se for ver, [o disco] *Castelos e ruínas* ou algumas outras *tracks*, eu trago umas coisas, assim, de Bíblia e tal. Porque é isso, mano. Eu ia pra escola bíblica dominical, eu cantei no coral da igreja, toquei flauta na igreja. Então, eu tenho um pouquinho de conhecimento nesse assunto¹⁵.

As sonoridades evangélicas e as narrativas bíblicas estão na base de sua experiência estética, musical e espiritual. Tal tradição músico-religiosa irá acompanhar Bk’ desde as suas primeiras músicas, sendo a Bíblia um dos principais “estoques de experiências religiosas” para a construção do seu mundo mítico-poético no rap, sempre articulando metáforas e personagens bíblicos, ou mesmo tecendo críticas a algumas ideias cristãs consideradas problemáticas pelo rapper carioca:

O crime se expande mais, roubos em nome do pai / O pastor se corrompeu, não conseguiu parar mais¹⁶.

¹³ Entrevista. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=lDXqkIWuOvA>. Acesso em: 15 out. 2024.

¹⁴ Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7L9kkhjnHs>. Acesso em: 15 out. 2024.

¹⁵ Entrevista. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=DVpRkkGzZ5s&pp=ygUScGFwbyBwcmV0byBiayB5YWdv>. Acesso em: out. 2024

¹⁶ Bk’, Nectar Gang, “Rio da ilusão”, Álbum Seguimos na sombra (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

Então, já sabemos quais são os sentidos da guerra / Vejo a palavra de Deus sendo usada como uma arma¹⁷.

Longe do padrão católico, paranoico / Para nós ficou que, qualquer guerra santa o resultado é diabólico / (...) / Deus, continua me testando / Demônio continua me tentando¹⁸.

Meu dízimo, mais atrasado que minhas contas / Espero que Deus guarde meu lugar por lá / Se não abrir as portas pra mim, vou pular / E por favor não entenda isso como uma afronta¹⁹.

É interessante notar que o discurso combativo a alguns elementos religiosos (pastor, catolicismo, dízimo, Bíblia, etc) não se resume a uma visão de afronta, de combate superficial ou de negação da fé ou da religião cristã. Segundo Bk':

sempre quando eu volto a dar umas alfinetadas na igreja, tá ligado, é nesse formato, nesse formato “empresa” que se tornou a igreja, tá ligado? (...) Então, quando eu “alfineto” a igreja eu não “alfineto” a religião, tá ligado? Eu não “alfineto” Deus, Jesus, muito pelo contrário, tá ligado? Eu sou um cara de muita fé em Deus, tá ligado? Mas, eu acho que esse modelo “empresa”, esse modelo da venda do milagre, tá ligado, é algo que eu não concordo muito. Que eu não concordo não, que eu sou totalmente contra, tá ligado? (...) eu não acredito nessa forma igreja que ela é vendida, na empresa. E o que ela tem feito na cabeça das pessoas²⁰.

Sem estar sob a tutela de alguma religião ou tradição específica, é evidente que as rimas de Bk' carregam uma ampla liberdade criativa, sempre tratando de vivências concernentes a vivência de um jovem negro periférico – crime, drogas, festas, sexo, dinheiro, etc – que, pela proximidade com que esses temas são articulados aos elementos e narrativas religiosas, na visão de um religioso mais conservador poderia soar como heresia: “Traficando *flow* do bom e fortalecendo a freguesia / Sou gíria e poesia, sou fé e heresia / (...) / Querendo a perfeição, encontro com a decepção / Parei pra descansar porque tem Deus na contenção”. Bk' assume uma postura “profana” na sua escrita e dela tem consciência desde as primeiras canções lançadas na mixtape *Seguimos na sombra* (2015), junto ao grupo Nectar Gang: “A vida pode ser uma puta, no entanto que ela gema bem, e agrade meus ouvidos / Tipo um coral de anjos, regido por bandidos”²¹. Como o

¹⁷ Nectar Gang, “Pedra”, Álbum *Seguimos na sombra* (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

¹⁸ Bk', Nectar Gang, “Lugares”, Álbum *Seguimos na sombra* (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

¹⁹ Bk', Nectar Gang, “Medusa”, Álbum *Seguimos na sombra* (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

²⁰ Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DVpRkkGzZ5s&pp=ygUScGFwbyBwcmV0byBiayB5YWdv>.

Acesso em: out. 2024

²¹ Nectar Gang, “Nectasalamaleico”, Álbum *Seguimos na sombra* (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

grupo Racionais MC's, o contexto de criminalidade observado por Bk' é versado com referências de um amplo imaginário bíblico, através de seus principais mitos e personagens:

Se apagam as luzes: quem mata? quem morre? Eu sei / Sem ter dom de prever o futuro vamo rever nosso rumo / Apocalipse vem em segundos²².

Beat do Jonas profeta, te afeta sua, fé tá? / Naufragada no ventre da baleia então tudo ao redor vai te balear / (...) / Pra mim tudo é possível, imagem semelhança do criador sempre criando / Jamais criado, eu²³.

Nunca gostei de pedir, já fui orgulhoso até pra orar / Vendo a situação piorar, ter nada pra recorrer / Mas antes de morrer, correr, minhas perdas não vão ostentar / Já disseram que Deus dará, pensei em parar pra esperar / A Bíblia diz pra eu não parar, madruga diz pra eu não parar / Minha mente diz pra eu disparar, e a mina diz pra eu ir devagar / (...) Deus me perdoe pois ainda vou pecar / Mais um cigarro tragiar, o jogo eu nunca vou entregar²⁴.

Além de estar articulada ao poder do crime – “O que vivi, que vou vivendo / Me lembra que a minha fé / Tá na Bíblia e na glock” –, no rap de Bk' a Bíblia também fundamenta um tipo de código das ruas: “Não é briga de quem fala mais alto / A Bíblia das ruas, onde testam sua fé”. Diferente de uma doutrina com regras bem definidas, é possível observar ao longo das suas obras as oscilações de um peregrino nado “santo” em busca da redenção, por mais que “pecado” e “redenção” também sejam conceitos redefinidos em cada situação descrita pelo rapper. O disco *Castelos e ruínas* (2016), álbum que projetou o rapper carioca para todo o Brasil, contém elementos importantes para possíveis interpretações da trajetória religiosa de Bk', antes e depois desse que se tornou um disco clássico do rap nacional:

Eu sou querido no céu, eu sou amado no inferno
Entre o errado e o certo, eu prefiro ter os dois por perto
Eu sou a luz, sou a sombra, sou o perigo que ronda
Eu sou a arma da guerra, eu sou o mar e suas ondas
Ignorado por anjos, desabafei com demônios
Separei brigas dos 2, eu sou Deus, sou humano
Eu sou o luxo e o lixo, eu sou o limpo e o sujo
Nem duas caras, nem máscaras, nem em cima do muro
Eu nadei contra a maré, chão quente, fui a pé
Meus passos descalços, eu sou Jó, sou Tomé
Eu trago amor, trago a paz, tragos milagres e

²² Bk', Nectar Gang, “Marginais”, Álbum Seguimos na sombra (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

²³ Bk', Nectar Gang, “KGL”, Álbum Seguimos na sombra (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

²⁴ Bk', Nectar Gang, “Hino”, Álbum Seguimos na sombra (Rio de Janeiro, Café Crime, 2015)

júbilos. Eu sou o equilíbrio, eu mato, eu roubo,
eu destruo²⁵.

Juntando e desfazendo histórias e sentidos bíblicos a todo instante, Bk' nos apresenta um mundo de interpretações e narrativas religiosas ao longo de toda a sua obra. Seu rap aponta para uma realidade de prosperidade e transcendência: “(...) é tipo Santa Ceia / A eternidade nos aguarda, regada a luz e mesa farta / Cansados do cansaço e a boca amarga / (...) / É o terremoto, é um míssil é um tanque / Irmãos de luta, fé de Cristo / E a religião é o *flow*, nego, é o bicho”²⁶. Não seria possível, portanto, afirmar que o rap de Bk' seria um tipo de “rap gospel”, com intenção conversionista, seja na forma como o MC quer ser visto pelo público ou como ele trata os temas religiosos em suas canções, ainda que no seu íntimo mantenha valores e práticas religiosas que visam manter sua conexão com o sagrado: “Eu sou um cara que acredito em Deus, eu acredito em Jesus, tá ligado? Eu faço minhas orações, mano. Eu tô sempre mantendo a minha proximidade de Deus da forma que eu acredito”²⁷. O rap de Bk' funciona dentro de um modo que chamamos de “teologia da reexistência” (Rocha, 2023); ou, segundo a antropóloga Regina Novaes (2003), um “rap feito de salmos”, em que a Bíblia é lida sem mediação institucional ou normativa, sem um compromisso confessional do rapper.

Considerações finais

Não há dúvidas de que a Bíblia se tornou um texto atemporal, de muitas camadas e interesses. Seus usos e aplicações dentro das comunidades religiosas, a multiplicidade de interpretações e releituras presentes na cultura, bem como a história de sua recepção em diversos setores não esgotam as possibilidades de compreensão desse livro. Não seria novidade dizer que qualquer aproximação da “Bíblia” é feita sempre a partir de valores, lugares e recortes específicos, revelando um caráter polissêmico permanente do texto bíblico, sempre “aberto” e não-normativo, seja em esforços de vivência e leitura religiosa ou em estudos e reflexões científicas.

²⁵ “Caminhos”, Álbum Castelos e ruínas (Rio de Janeiro, Pirâmide Perdida Records, 2016)

²⁶ Bk', “Pirâmide”, Álbum Castelos e ruínas (Rio de Janeiro, Pirâmide Perdida Records, 2016)

²⁷ Entrevista. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=DVpRkkGzZ5s&pp=ygUScGFwbyBwcmV0byBiayB5YWdv>.

Acesso em: out. 2024.

Não estamos dizendo, porém, que não haja, principalmente na contemporaneidade, um movimento fundamentalista, de uso normativo e violento da Bíblia. Leituras moralistas do texto bíblico, que pretendem aprisionar as consciências, limitar a liberdade dos corpos e impedir uma sociedade mais fraterna e tolerante, são cotidianamente promovidas e disputadas pelo mesmo texto. Por mais que haja continuidade, como foi visto através do grupo Racionais MC's e por Bk', até mesmo entre os rappers brasileiros existem muitas formas e maneiras da Bíblia ser articulada em suas práticas e canções. Também os rappers cristãos, identificados normalmente com o “rap gospel”, mesmo que disruptivos em diversos quesitos, acabam reproduzindo em suas letras aspectos homofóbicos, machistas e interpretações tradicionais, mais próximas das leituras bíblicas de suas instituições de origem.

Pressupor a “Bíblia” como um objeto único, estabilizado, fechado, em qualquer âmbito, pode reduzir os “mundos” e experiências que os textos bíblicos “revelam” entre os grupos que dela se servem. Seja entre religiosos, setores da militância política ou pelos rappers, com interesses e leituras diferentes, é importante assumir, pelo menos entre nós estudiosos, que tal imagem universal que normalmente se produz sobre a Bíblia não existe. Apesar do esforço essencialista de “unidade” em torno dos seus textos, “Bíblia” são sempre “Bíblias”. Não só porque o livro é constituído de muitos livros, mas pela diversidade de leituras e implicações de seu uso ao longo da história. Dessa forma, este artigo é apenas uma introdução ao tema. Há muito trabalho a ser feito para descobrirmos o que vem a ser o imaginário bíblico do rap no Brasil ou a maneira como a Bíblia é recebida e articulada nas periferias.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- ANTUNES, Maik. *A cor e a fúria: uma análise do discurso racial dos Racionais MC's*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.
- BENATTE, Antonio Paulo. *Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: aproximações mediante a estética da recepção*. Rever, v. 12, n. 1, jan./jun. 2012.
- BK'. Caminhos. In: *Castelos e ruínas*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2016. 1 CD.

- BK'. Novo poder. In: *Gigantes*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2018. 1 CD.
- BK'. Pirâmide. In: *Castelos e ruínas*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2016. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Hino. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. KGL. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Lugares. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Marginais. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Medusa. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Nectasalamaleico. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Pedra. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'; NECTAR GANG. Rio da ilusão. In: *Seguimos na sombra*. Rio de Janeiro: Café Crime, 2015. 1 CD.
- BK'. Reunião. In: PIRÂMIDE PERDIDA. *Piramide Perdida* Vol. 7. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2016. 1 CD.
- BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher na letra e na voz*. São Paulo: Educ, 1999.
- CAPPELLI, Marcio. *A Biblia em devir: contribuições da estética da recepção e da epistemologia do rizoma aos estudos bíblicos*. Estudos Teológicos São Leopoldo, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 370-383, jul./dez. 2019.
- CAPPELLI, Márcio; ROCHA, Bruno. “*Uma Biblia velha, uma pistola automática*”: O imaginário bíblico na obra de Racionais Mc’s. In: BONFIM, Luís Américo Silva (org.). *Religião e Cultura: Hibridismos e efeitos de fronteira*. Curitiba: CRV, 2020. p. 155-174.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil*: mito, história, etnicidade. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na periferia de São Paulo*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DEXTER. Oitavo anjo. In: *509-E*. São Paulo: Atração, 2000. 1 CD.
- DJONGA. Fantasma. In: *Heresia*. Minas Gerais: CEIA, 2017. 1 CD.

DURÃO, Fábio Akcelrud. *O que é crítica literária?* São Paulo: Nankin Editorial; Parábola Editorial, 2016.

FACÇÃO CENTRAL. Minha voz está no ar. In: *Versos sangrentos*. São Paulo: Discovery G1, 1999. 1 CD.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

HILL, Christopher. *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LIMA, Anderson de Oliveira. *A Bíblia como literatura, a Bíblia como ficção*. Estudos de Religião, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 155-168, jan./jun. 2015.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. *A Bíblia na crítica literária recente*. Teoliterária, v. 2, n. 4, p. 133-143, 2012.

MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. *As palavras que eu escrevi na Bíblia*: itinerário teológico-literário de leituras. v. 1. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020.

MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras*: teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. *Religião na obra de Octavio Paz*: reflexões sobre a relação entre poesia, religião e modernidade. Revista Sociopoética, Campina Grande, v. 1, n. 20, p. 17-34, jan./jun. 2018.

MARQUES, Vagner Aparecido. *As igrejas menores nas quebradas de fé*: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir*: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MILLER, Monica R.; PINN, Anthony B.; FREEMAN, Bernard “Bun B”. *Religion in Hip Hop: Mapping the New Terrain in the US*. London: Bloomsbury, 2015.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O conceito de texto, contexto e de leitor na interpretação de textos religiosos*: o caso da literatura bíblica. Estudos de Religião, Goiânia, v. 33, n. 3, p. 175-190, set./dez. 2019.

NOVAES, Regina C. R. *Errantes do novo milênio*: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patrícia (org.). *Religião e espaço público*. Brasília: CNPQ; PRONEX; São Paulo: Attar Editorial, 2003. p. 25-39

OLIVEIRA, Acauam Silvério. O Evangelho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 19-37

OLIVEIRA, David Mesquiat de. *A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance*. Rever, v. 17, n. 2, maio/ago. 2017.

PANOTTO, Nicolas et al. *Evangélicos e política: estudos sobre espiritualidade e movimentos sociais na América Latina*. Santiago: Grupo de Estudios Multidisciplinarios sobre Religión e Incidencia Pública, 2023.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro. Do Romantismo à Vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

RACIONAIS MC'S. Capítulo 4, versículo 3. In: *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. 1 LP.

RACIONAIS MC'S. Gênesis. In: *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. 1 LP.

ROCHA, Bruno de Carvalho. *A nova condição religiosa do rap: os modos mítico-poéticos e a Teologia da reexistência*. *Numen, Juiz de Fora*, v. 26, n. 1, p. 75-97, jan./jun. 2023b.

ROCHA, Bruno de Carvalho. *Rap e Religião: análise do imaginário religioso em Racionais MC's*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

ROCHA, Bruno; CARVALHO, Luis; CAPPELLI, Marcio. *Rap e religião no Brasil: ensaios e perspectivas*. São Paulo: Recriar, 2023.

ROCHA, Bruno de Carvalho. Racionais MC's, Música que o olho vê: uma análise da cultura visual religiosa do rap. In: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org.). *Racionais MC's: Entre o gatilho e a tempestade*. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 161-184

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

STEINER, George. Um prefácio para a Bíblia Hebraica. In: STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 69.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *A Bíblia no Brasil: alguns fragmentos*. Caminhos, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 209-245, jan./jun. 2007.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Tempos novedosos e turbulentos: rastros da Bíblia nos primórdios da modernidade europeia*. Estudos de Religião, Goiânia, v. 26, n. 42, p. 32-51, jan./jun. 2012.

VELHO, Otávio. *Besta-fera: recriação do mundo: ensaios críticos de antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

VERANI, Hugo J. *Octavio Paz: pasión crítica*. Barcelona: Seix Barral, 1985.